Capítulo II — Deus

O primeiro passo no estudo de uma ciência qualquer é um ato de fé; pois toda ciência repousa sobre certos princípios indemonstráveis. Esses princípios, admitidos por confiança, são para a razão como uma tomada de posse da verdade; servem de ponto de partida às investigações e tornam-se a condição necessária de todo progresso. Assim procedem a história, a filosofia, a química, a medicina, a agricultura, a geometria, todas as ciências físicas ou morais.

A religião não faz exceção a essa lei. Já que somos forçados a aceitar sem discussão os primeiros princípios das ciências humanas, a razão quer que aceitemos da mesma maneira os princípios da ciência divina. Nas ciências naturais, os resultados e as aplicações justificam os axiomas e pagam largamente à razão o seu ato de fé. O mesmo se dá no estudo da religião. As consequências, ao mesmo tempo tão belas e tão numerosas, que vamos desenvolver tornarão incontestáveis a certeza e a fecundidade dos princípios de que são o desabrochar.

Quanto às nuvens, às dúvidas, às objeções que ainda possam restar no espírito, prometemos dissipá-las no decorrer desta obra. Se alguns começassem a leitura hesitantes ou mesmo incrédulos, contentar-nos-íamos em dizer-lhes com Rousseau: Ide até o fim; mantende apenas o vosso coração em estado de não temer que a religião seja verdadeira, e o êxito está assegurado.

Posto isso, abordemos o mais belo estudo que possa ocupar o espírito humano.

Segundo a definição de Santo Agostinho: a religião é o laço que une o homem a Deus[1].

Daí nasce, entre o criador e sua criatura, entre o céu e a terra, uma sociedade íntima, sagrada, imutável, fonte eternamente fecunda de glória para Deus e de felicidade para o homem. Mas, para apreciar a natureza e a excelência de uma sociedade, importa antes de tudo conhecer as partes que a formam; desse conhecimento passa-se às condições que as unem. Sendo, na sociedade religiosa, Deus e o homem as duas partes contratantes, aprendamos primeiro a conhecê-los.

O universo, a tradição, a Escritura, interpretados infalivelmente pela Igreja católica, são os três grandes livros que nos falam de Deus. Recolhamo-nos para ouvi-los.

Antes de todos os séculos, para além de todos os mundos, acima de todos os céus, há UM SER eterno, infinito, imutável, que é para si mesmo seu princípio, seu fim, sua felicidade. Essencialmente fecundo, é a vida de todas as vidas, o centro de todos os movimentos, o princípio e o fim de tudo o que é. Como o Oceano contém a gota d’água em sua imensidade, envolve em seu seio o universo e suas múltiplas criações. Está dentro e fora; está longe, está perto; está em toda parte.

No astro que brilha na fronte dos céus, nele está; no ar que me faz viver, nele está; no calor que me anima e na água que me dessedenta, no sopro da brisa e no mugido das ondas, na flor que me

alegra e no animal que me serve, no espírito e na matéria, no berço e no túmulo, no átomo e na imensidade, no ruído e no silêncio, nele está: ele em toda parte, ele sempre.[2]

Ouve tudo: e a música harmoniosa das esferas celestes, e os cantos alegres da cotovia, e o zumbido da abelha, e o rugido do leão, e o passo da formiga, e a voz das grandes cataratas, e a respiração do homem, e a oração do justo, e as blasfêmias do mau.

Vê tudo: e o sol resplandecente aos olhos do universo, e o inseto escondido sob a erva, e a traça silenciosa sepultada na casca da árvore, e o imperceptível peixe perdido entre os abismos sem fundo do Oceano; vê o jogo variado de seus músculos e a circulação de seu sangue, e os pensamentos de meu espírito e as batidas de meu coração, e a fome do passarinho que pede seu alimento, e as necessidades ignoradas do pobre e as lágrimas do oprimido.

Governa tudo: e o inumerável exército dos céus, e as nações civilizadas e os povos bárbaros, e as estações, e os ventos, e as tempestades, e as criaturas privadas de razão e os seres dotados de inteligência. Alimenta, aquece, abriga, veste, conserva, protege tudo o que respira; pois tudo o que respira só respira por ele e só deve respirar para ele.

Princípio e regra do justo, do belo, do bom, do verdadeiro, dá ao homem a luz para conhecer o bem e a força para praticá-lo. Em sua infalível balança pesa as ações dos reis e dos súditos, dos indivíduos e dos povos. Remunerador supremo da virtude, vingador incorruptível do vício, cita a seu tribunal o fraco e o poderoso, o justo que o adora e o ímpio que o ultraja; aos uns, castigos sem esperança; aos outros, uma felicidade sem mistura e sem fim.

SER acima de todos os seres, tudo proclama vossa existência: e as magnificências dos céus, e o deslumbrante ornato da terra, e a obediência filial das vagas irritadas, e as virtudes do homem de bem, e o castigo do culpado, e a própria demência do ateu. Tudo celebra vossos louvores: da terra ao firmamento, de um polo ao outro, tudo o que fala vos louva com suas aclamações, tudo o que é, mudo, com seu silêncio. Tudo reverencia vossa majestade, a natureza viva e a natureza morta. A vós se dirigem todos os votos, todas as dores; para vós sobem todas as preces.

Sol resplandecente, vossos raios enchem o universo, e nenhum olhar pode contemplar-vos; todas as línguas vos nomeiam, nenhuma pode definir-vos. Criador, conservador, pai, juiz, remunerador, vingador, todos os nomes de poder, de sabedoria, de amor, de independência e de justiça vos são dados; todos vos convêm, e no entanto ninguém diz o que sois. Ser acima de todos os seres: esse nome é o único que não é indigno de vós[3].

Sim, um Ser acima de todos os seres, um Ser que fez tudo o que vemos e que não é nada do que vemos; um Deus, poder supremo do mundo e dos séculos: tal é o dogma fundamental que proclama o universo e diante do qual se inclinaram, com a fronte no pó, todas as gerações que, há seis mil anos, se sucederam na face do globo[4].

Mas por que esse dogma irradia em mil reflexos fulgurantes por todas as partes da natureza? Por que está inscrito à frente da história de todos os povos? Por que um cuidado tão zeloso de perpetuar-lhe a lembrança?

O que é o sol no mundo físico, Deus o é em todos os aspectos, e ainda mais no mundo moral. Em vez de continuar a derramar cada dia sobre o globo torrentes de luz e de calor, que o sol se apague de repente: imaginai o que se torna o universo. Num instante a vegetação se detém; os rios e os mares tornam-se planícies de gelo; a terra endurece como a rocha. Os animais daninhos que a luz acorrenta no fundo das florestas saem de suas tocas e, com horríveis urros, chamam-se uns aos outros para a carnificina. O homem, envolto em profundas trevas, perturba-se e se apavora; por toda parte reinam a confusão e o desespero. Poucos dias bastam para mergulhar o mundo no caos.

Que Deus, sol necessário das inteligências, venha a desaparecer, e logo a vida moral se extingue. Privada de apoio, a razão vacila; as noções do bem e do mal se apagam; o erro e a verdade, o justo e o injusto se confundem no direito brutal do mais forte. No meio dessas pavorosas trevas, todas as hediondas cobiças, todos os instintos sanguinários adormecidos no coração do homem despertam e, sem temor como sem remorso, disputam os retalhos mutilados das cidades e dos impérios. A guerra está por toda parte; guerra a todo o transe, guerra de todos contra todos: o mundo é inabitável.

Notas

[1] Religet ergo nos religio uni omnipotenti Deo. — Santo Agostinho, De ver. relig., II, 113.

[2] N. do T.: Este trecho deve ser lido no sentido de que Deus sustenta e conserva em seu ser tudo o que o autor enumera, estando presente em todas as coisas por sua ciência, seu poder e sua ação criadora e conservadora, sem se confundir com elas. Tomá-lo ao pé da letra, como se as criaturas fossem o próprio Deus ou parte dele, seria o erro do panteísmo, que a Igreja condena.

[3] São Gregório Nazianzeno.

[4] Gentes non usque adeo ad falsos deos esse delapsas ut opinionem amitterent unius veri Dei, ex quo est omnis qualiscumque natura. — Santo Agostinho, Contr. Faust., liv. XX, n. 19 ; id., Lactâncio, De error.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:02 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:02 by Admin